

# Galípolo: BC 'não hesitará' em subir juros se necessário

Diretor é favorito para substituir Campos Neto

DESÃO PAULO

O diretor de Política Monetária do Banco Central, Gabriel Galípolo, rechaçou ontem a interpretação de que suas falas recentes colocaram o BC "no corner", mas reforçou que o Comitê de Política Monetária (Copom) "não hesitará" em aumentar a taxa básica de juros (Selic) se for necessário.

"Na minha interpretação, posição difícil para o BC não é ter de subir juros. Posição difícil é inflação fora da meta, que é uma situação desconfortável. Subir juros é uma situação cotidiana para quem está no BC", afirmou ele, durante evento promovido pela Fe-

deração Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

Nas últimas semanas, o mercado interpretou as declarações de Galípolo como indicação de que o Copom, que voltará a se reunir em setembro, vai elevar a Selic - hoje, em 10,5%.

Essa leitura foi "precificada" nas operações do mercado futuro de juros. As declarações repercutiram ainda mais porque Galípolo é visto no mercado como o nome mais forte para substituir Roberto Campos Neto no comando do BC.

O diretor do BC frisou que suas falas não iriam além do que já foi escrito na



Diretor do BC, no evento da Fenabrave: projeção do próprio Banco Central espera inflação acima da meta

ata da última reunião do Copom (em julho).

Ele voltou a usar a analogia de que o BC é como "aquela pessoa chata que, no melhor da festa, pede para baixar o som e cortar as bebidas", enfatizando que um eventual aumento dos juros será guiado por critérios técnicos. Ele acrescentou que a projeção do BC de inflação de 3,2% no

horizonte de 18 meses está, sim, acima da meta e que o crescimento da economia tem surpreendido.

A meta de inflação perseguida pelo BC é de 3%, definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

Galípolo também participou de evento na Fundação

Getúlio Vargas em São Paulo, onde disse que o BC chegou "muito próximo" de intervir no câmbio. "Vários diretores, inclusive eu e o presidente Roberto Campos, dissemos que só atuamos em função de alguma disfuncionalidade no mercado de câmbio, porque nós não perseguiamos nenhum nível, nem patamar, de câmbio". (Estadão Conteúdo)

## POSIÇÃO

"Eu espero que a gente tenha conseguido deixar claro que, a partir do cenário que nós temos hoje, a alta de juros está na mesa, sim, e que o Banco Central não vai hesitar, se for necessário, a perseguição da meta, fazer uma elevação de juros"

"Na minha interpretação, posição difícil para o BC não é ter de subir juros. Posição difícil é inflação fora da meta, que é uma situação desconfortável. Subir juros é uma situação cotidiana para quem está no BC"

"Reafirmo todas as minhas falas dos últimos dias. Não há nenhuma modulação nas minhas falas"

"Não estamos torcendo para a economia parar de crescer, mas esperamos que desacelere. O crescimento tem nos surpreendido, e o BC é o chato da festa que baixa o som e corta a bebida"

"A queda da (caderneta de) poupança não é só conjuntural, também é estrutural (no sentido de que há outros ativos para investir)"

**Gabriel Galípolo**  
Diretor de Política Monetária do Banco Central